



Como ajudar os filhos com problemas de alfabetização

QUE OS PAIS DEVEM FAZER CASO O FILHO TENHA DIFICULDADE DE APRENDER A LER.

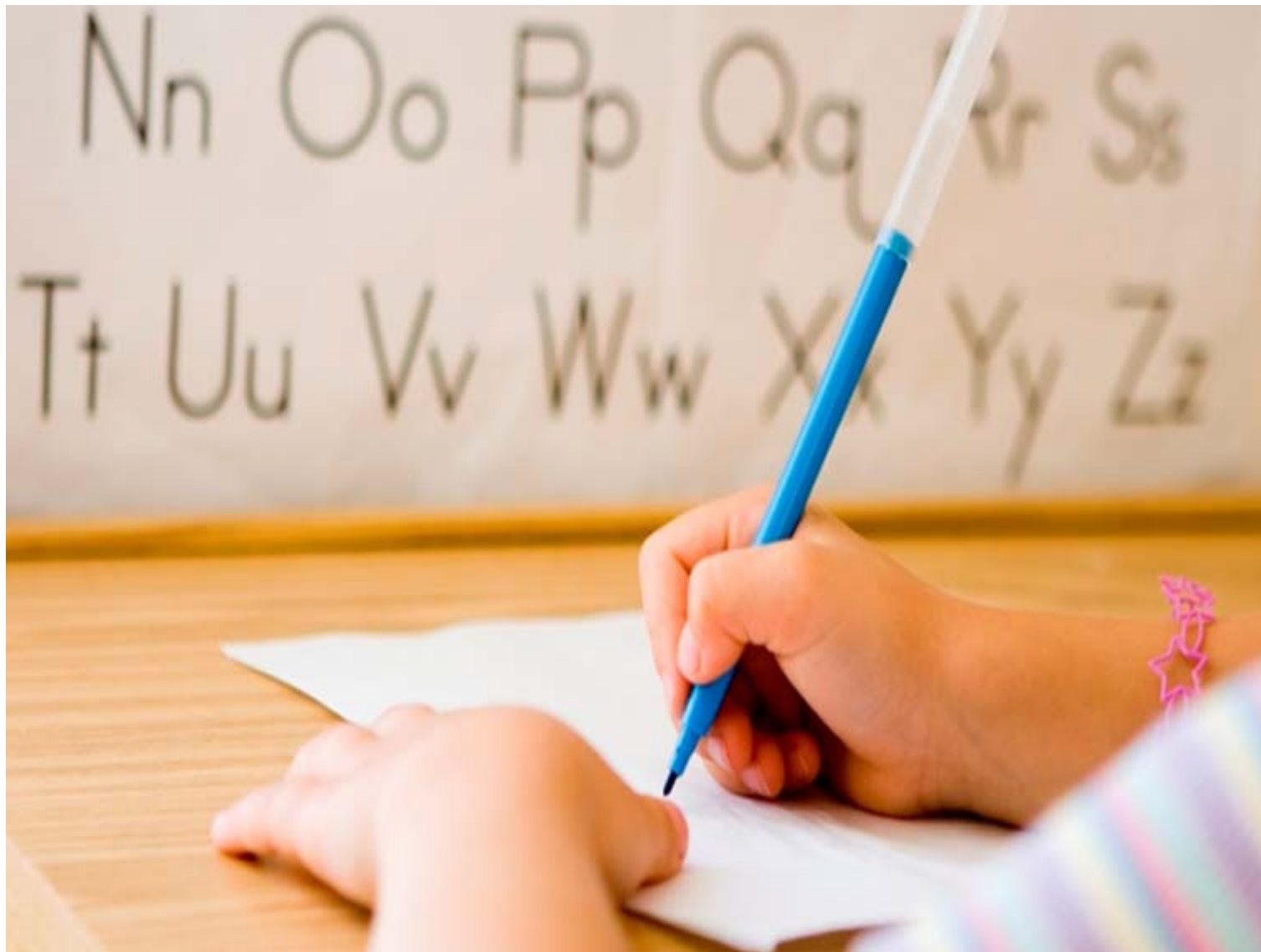
Quem é mãe ou pai costuma ter medo de que o filho apresente dificuldades de aprendizado na escola. Ainda que esse medo exista, é necessário que ele não seja maior que a vontade de solucionar o problema.

COMO IDENTIFICAR O PROBLEMA

Segundo o médico neuropediatra Dr. Clay Brites, as crianças devem aprender a ler e escrever entre os seis e sete anos. “Após essa faixa etária, quanto mais ela demora para dominar a escrita, mais difícil vai ser o processo”, alerta, destacando que a decodificação das letras deve ser feita de forma automática.

QUE FAZER DIANTE DA DIFICULDADE

Os especialistas ensinam que, ao perceber um problema de alfabetização, os pais devem se questionar, inicialmente, se a criança está vendo ou escutando bem. Caso não sejam esses os problemas da criança, deve-se pesquisar como foi o processo de aprendizagem. “Ele teve um processo adequado de alfabetização? Como foi o estímulo dessas habilidades de consciência fonológica e discriminação au-



ditiva?”, explica a psicopedagoga Luciana Brites.

Caso o ensino tenha sido realizado com eficiência, é possível pensar na possibilidade de um distúrbio de aprendizagem ou deficiência intelectual.

COMO BUSCAR AJUDA NO TEMPO CERTO

Os pais que percebem dificuldades no processo de alfabetização do filho devem procurar por profis-

sionais capacitados, como neuropediatras ou fonoaudiólogos. “São eles que saberão dar o diagnóstico correto e orientar o tratamento necessário”, afirma a psicopedagoga. Ela ressalta a importância de re-

ceber o tratamento e cuidado no tempo certo. “Muitas mães, pais e escolas só encaminham a criança quando ela já chegou aos 12 anos, e com isso já se perdeu muito tempo”, alerta.

Lei facilita acesso de professores ao ensino superior

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DEVERÃO CRIAR PROCESSO SELETIVO DIFERENCIADO PARA OS PROFESSORES.

A Lei (13.478/2017), de iniciativa do senador Cristovam Buarque (PPS/DF), cria mecanismos que facilitam o ingresso de professores no ensino superior. Ela determina que instituições de ensino superior deverão criar processo seletivo diferenciado para os professores, principalmente nas áreas de Pedagogia, Matemática, Física, Química, Biologia e

Língua Portuguesa. O benefício também será estendido aos profissionais concursados da rede pública nos três níveis (municipal, estadual e federal), com pelo menos três anos de experiência e sem diploma de graduação.

O senador comenta que esse é um grande incentivo para que os professores continuem sua formação. “Depois de

certa idade, passar no vestibular é uma coisa muito difícil. Então, ele terá outra porta para entrar”, declarou Buarque. “O Brasil ainda tem muitos professores sem graduação, e a graduação ajuda muito, embora eu não ache que seja uma coisa absolutamente necessária, porque tem professores sem graduação muito bons”, explicou Cristovam.



Aplicativo permite consulta de bolsas de estudos

SÃO MAIS DE MIL FACULDADES BRASILEIRAS CADASTRADAS NO APP.

Site de oferta de bolsas de estudos, Quero Bolsa, lança aplicativo móvel que visa auxiliar a busca de bolsas com até 75% de desconto para cursos de graduação e pós-graduação. São mais de 1.100 faculdades de todo o Brasil para cursos presenciais, semipresenciais e a distância.

Também é possível se cadastrar no curso desejado pelo sistema e ter acesso aos pré-requisitos para contratação da bolsa. O app, disponível para Android e iOS, monitora automaticamente e avisa o usuário sempre que novas bolsas estiverem disponíveis.



Educação financeira nas escolas muda hábitos de compra da família

Se haviam dúvidas sobre a importância da educação financeira nas escolas, a 1ª Pesquisa Nacional de Educação Financeira nas Escolas revelou números que comprovam as mudanças na vida das famílias.

Para que fosse possível traçar uma análise ampla, foram entrevistados 750 pais, sendo metade deles pais de alunos que estudam em escolas que adotam educação financeira e a outra metade, pais de alunos que estudam em escolas que não adotam a educação financeira.

Um dos dados mais impactantes diz respeito à resposta dos pais à seguinte pergunta: “se partir de hoje você não recebesse mais o seu ganho mensal, por quanto tempo manteria seu padrão de vida atual?” Entre os pais dos alunos que não tiveram educação financeira, só 3% conseguiriam manter seu padrão de vida por até um ano ou mais, enquanto 53% manteriam por até seis meses e 44% por apenas um mês.

Já entre os pais com filhos que tiveram educação financeira, 25% conseguiriam manter seu padrão de vida por mais de um ano, 73% por até seis meses e apenas 2% por apenas um mês. O resultado impressiona por evidenciar o quanto o tema consegue fazer a diferença na vida da família dos alunos, possibilitando a conscientização sobre a importância de se ter reservas financeiras.

Da mesma forma, quando o questionamento é sobre o quanto as crianças têm consciência sobre as limitações financeiras da família, fica claro que as educadas financeiramente têm maior conhecimento. Em 33% dos casos, as crianças educadas financeiramente conhecem par-

MAIS DE 70% DAS CRIANÇAS QUE TÊM EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS AJUDAM OS PAIS A COMPRAR DE FORMA CONSCIENTE.

cialmente a situação da família, enquanto 67% conhecem totalmente as limitações. Por outro lado, entre as crianças não educadas, 43% não conhecem nada da situação, 51% conhecem parcialmente e apenas 6% conhecem totalmente.

Além disso, enquanto 98% dos alunos com educação financeira se reúnem com a família para

conversar sobre dinheiro, apenas 33% dos que não têm se reúnem.

“Tais dados evidenciam o quanto o contato com o tema melhora a situação financeira das famílias e gera maior diálogo em casa, resultando em maior compreensão dos filhos sobre a situação que a família atravessa”, afirma Reinaldo Domingos, presidente da Abe-fin. Outro importante dado da pesquisa diz respeito a forma como as crianças usam o seu próprio dinheiro.

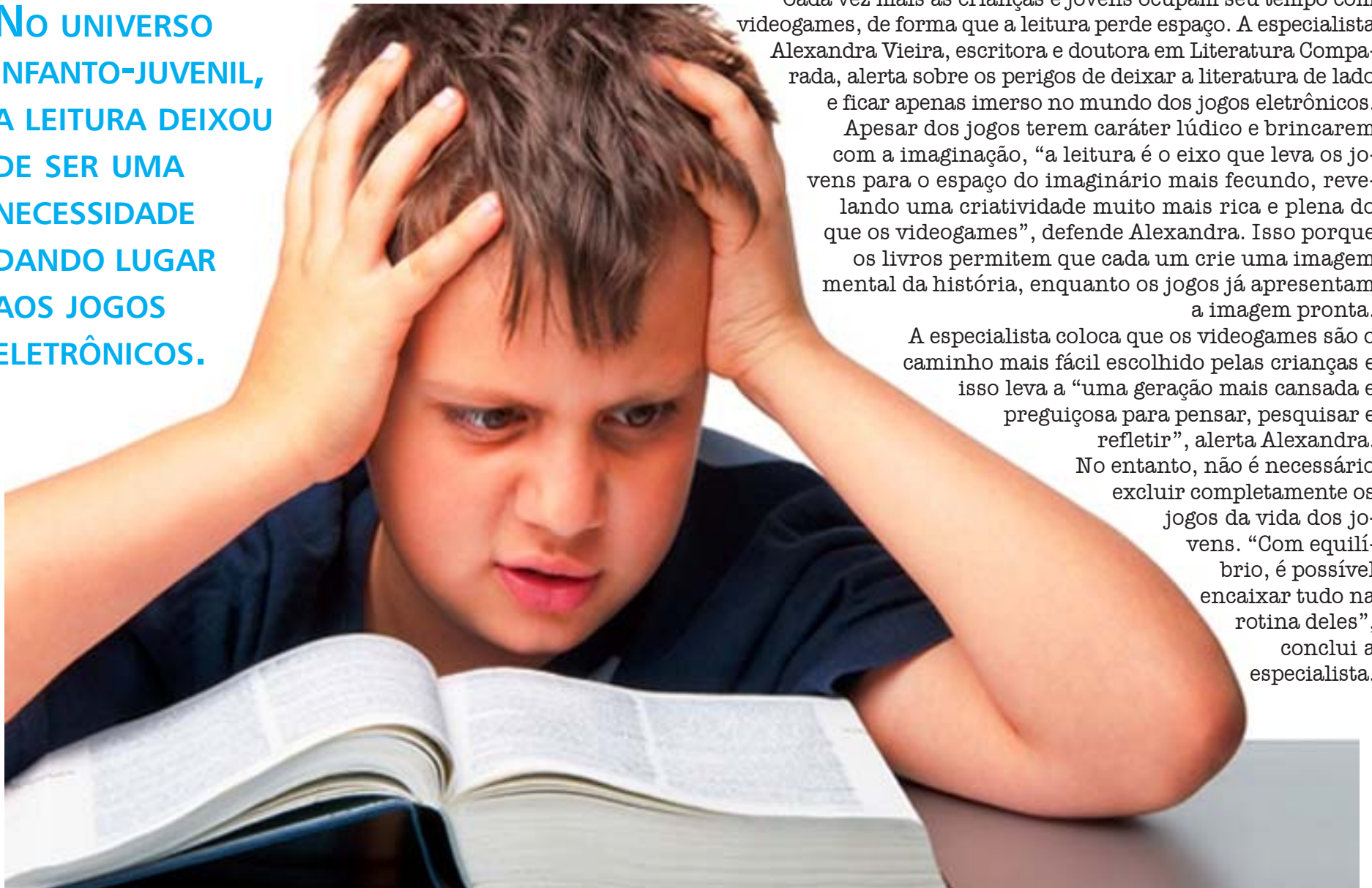
81% dos alunos educados financeiramente gastam parte do que recebem e guardam outra parte para os sonhos, enquanto 19% guardam tudo – o algo que não é o correto, pois é preciso ter equilíbrio entre consumir e poupar. Por outro lado, nas famílias sem educação financeira, 15% dos pais não sabem como os filhos gastam e 66% afirmam que os pequenos gastam seu dinheiro rapidamente, enquanto apenas 11% gastam apenas uma parte e 7% gastam tudo.

Com apenas alguns dados desta extensa pesquisa é possível perceber o quanto a educação financeira nas escolas é um conteúdo transformador, que possibilita a todos que fazem parte do cotidiano dos alunos melhorias na administração das finanças e maior foco na conquista dos sonhos, fomentando hábitos de consumo consciente.



Mais leitura e menos jogos eletrônicos

No UNIVERSO INFANTO-JUVENIL, A LEITURA DEIXOU DE SER UMA NECESSIDADE DANDO LUGAR AOS JOGOS ELETRÔNICOS.



Cada vez mais as crianças e jovens ocupam seu tempo com videogames, de forma que a leitura perde espaço. A especialista Alexandra Vieira, escritora e doutora em Literatura Comparada, alerta sobre os perigos de deixar a literatura de lado e ficar apenas imerso no mundo dos jogos eletrônicos.

Apesar dos jogos terem caráter lúdico e brincarem com a imaginação, “a leitura é o eixo que leva os jovens para o espaço do imaginário mais fecundo, revelando uma criatividade muito mais rica e plena do que os videogames”, defende Alexandra. Isso porque os livros permitem que cada um crie uma imagem mental da história, enquanto os jogos já apresentam a imagem pronta.

A especialista coloca que os videogames são o caminho mais fácil escolhido pelas crianças e isso leva a “uma geração mais cansada e preguiçosa para pensar, pesquisar e refletir”, alerta Alexandra.

No entanto, não é necessário excluir completamente os jogos da vida dos jovens. “Com equilíbrio, é possível encaixar tudo na rotina deles”, conclui a especialista.

Dislexia: como o professor deve lidar com o problema

O distúrbio, que é genético e neurobiológico, causa desordem nas informações recebidas pelo cérebro, inibindo o processo de entendimento das letras e interferindo na leitura e escrita. Segundo Associação Brasileira de Dislexia, mais de 5% da população brasileira sofre com a dislexia.

A psicopedagoga, Ana Regina Caminha Braga, explica que “os sintomas variam de pessoa para pessoa e do grau de dislexia apresentado. Dificuldades para ler, escrever ou soletrar podem ser sinais de alerta”, conta sobre o diagnóstico

ESPECIALISTA FALA SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DO DISTÚRBIO E DÁ DICAS DE COMO TRATAR O PROBLEMA EM SALA.

do distúrbio, detectado no processo de alfabetização da criança.

Os professores devem ficar atentos às atitudes e dificuldades dos alunos para poder ajudá-los. Quanto mais cedo a dislexia for detectada, maiores as chances da criança obter sucesso ao longo de sua vida acadêmica e adulta. “Cabe ao professor analisar a situação e ajudar o aluno a quebrar esse estereótipo negativo ligado ao distúrbio. Uma boa opção para o docente é incluir atividades dinâmicas em sala, que ajudem a estimular o desenvolvimento dessa criança junto às demais”, detalha a especialista.



Fundado em 1934

Diretor Responsável: Eduardo Carvalhaes Nobre
(Registro DR-MT/SRTE/MG - Nº 11.411)

Paulo Pinheiro Chagas (1934-1953)
Oswaldo Nobre (1953-2007)

Diretoria Executiva

Luisa Maria Maia Nobre - Redação
Eduardo Carvalhaes Nobre - Mídias Digitais

Propriedade de O Debate Ltda - CNPJ: 19.403.088/0001-10
Redação - Av. Amazonas, 2234 - Santo Agostinho - 30180-003
Belo Horizonte/MG - (31) 3337-8008

Edição 2642 - Setembro de 2017

Site: www.odebate.com.br

Gerente: Sandra Regina Valentim Maia

Projeto Gráfico: Carlos Alexandre Domingues

Órgão de Utilidade Pública pela Lei 1.950,
da Câmara Municipal de Belo Horizonte

Os artigos e colunas assinados não expressam necessariamente a opinião do jornal.

Alunos optam por curso à distância

NÚMERO DE NOVOS MATRICULADOS EM CURSOS SUPERIORES PRESENCIAIS CAI EM 2016.

De acordo com o Censo de Educação Superior, de 2015 para 2016, o número de alunos novos nos cursos presenciais caiu 3,7%. Por outro lado, para as aulas à distância, houve aumento de mais de 20% na quantidade de ingressantes. A idade mais frequente para aqueles que optam por curso à distância é de 28 anos, enquanto no presencial, é de 21 anos.

Também houve mudança nas matrículas das universidades privadas. A queda de 0,3% é a primeira em 25 anos. Na rede pública, o aumento de ingressantes foi 1,9% maior do que o ano anterior.

No Brasil, existem 2.407 instituições de educação, sendo 87,7% privadas e 12,3% públicas. Dos estudantes nos cursos brasileiros, 75,3% estão no setor privado e 24,7% no público, informa o Censo de 2016.



Curso de tecnologia da informação abre vagas gratuitas

A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Sedectes) de Minas Gerais abre novas turmas para cursos profissionalizantes na área de Tecnologia da Informação. Os interessados deverão se cadastrar pelo portal uaitec.mg.gov.br

As 24 mil vagas, preenchidas por ordem de chegada, serão ofertadas em todos os 17 territórios de Minas Gerais e os alunos poderão optar por Web Designer, Analista de Mídias Sociais, Desenvolvedor de Jogos, Desenvolvedor de Aplicativos, Programador Web e Programador de Sistemas.

Os cursos, que são gratuitos e semipresenciais, duram em torno de três meses, com carga horária total de 272 horas. Dessas horas, 40 são de conteúdos de empreendedorismo e inovação, incentivando os alunos a desenvolverem atividades diferenciadas no mercado de trabalho.

A EaD deixou de ser o patinho feio da Educação Superior

EDUCAÇÃO DIGITAL NÃO É MODISMO NA GRADUAÇÃO: ELA VEIO PARA FICAR.

Em 2015 (dados do INEP/MEC mais recentes disponíveis), houve 6,6 milhões de matrículas na Educação Superior na modalidade presencial (pública e privada), um crescimento de 46% sobre 2005.

Nesses mesmos dez anos, o crescimento do número de alunos na EaD (Educação a Distância) foi de 1.120%, atingindo a antes inimaginável cifra de 1,4 milhão de alunos – ou seja, o equivalente a 21% da presencial.

Há ainda cerca de outros 5 milhões de adultos ou jovens estudando uma especialização, ou disciplinas específicas, ou cursos in company em plataformas estritamente digitais. Um em cada três alunos de licenciatura faz o curso on-line; em Pedagogia, metade.

Em seu início – em torno de 2003 –, a EaD enfrentava elevados preconceitos por precarizar a qualidade do ensino, e merecidamente. Depreciavam-na como o suplético da Educação Superior.

Hoje, no entanto, com os avanços das novas tecnologias, com a profusão de ambientes virtuais aliados a novos modelos pedagógicos (metodologias ativas), propicia-se a oferta de uma educação de qualidade equiparável à presencial.

Soma-se, ainda, a incorporação pelas IES (Instituições de Ensino Superior) de profissionais (professores, tutores, mentores, técnicos, etc.) com expertise na modalidade, laboratórios, videoaulas e momentos para a troca de ideias no ambiente virtual (fóruns).

Ademais, mesmo sendo de 1996, a LDB faz referência à EaD em nove artigos ou incisos, e o MEC tem amparo ferramental para avaliar os cursos remotos com os mesmos critérios dos presenciais, sendo elevadas as exigências para a implantação de polos.

Elas sempre foram as principais características da EaD: horários flexíveis, preços acessíveis e não necessidade de deslocamentos para as aulas. Com o ganho de escala, a mensalidade, na média, fica em torno de 40% da similar na modalidade presencial.

É um instrumento democrático, pois permite ao aluno estudar onde e quando puder. Enfatize-se: é uma modalidade que exigirá tanto ou mais horas de estudos que a presencial. Requer disciplina pessoal, foco, autonomia e maturidade para não embicar para o sedutor mundo das mídias sociais e outras distrações virtuais.

É, após formado, o diploma não faz qualquer inferência de que a graduação foi concluída na modalidade on-line. Todavia, apesar do crescimento expressivo de matrículas nas graduações, a taxa de escolarização de Educação Superior no Brasil ainda é muito baixa: apenas 13% dos trabalhadores têm faculdade (no Japão é 45%) e somente 18% dos nossos jovens de 18 a 24 anos estão matriculados numa IES (Chile tem 45% e Argentina, 34%).

Em meio a esse deserto, viceja o oásis do ensino em pla-

taformas digitais com seu gigantesco potencial num país de dimensões continentais. Pesquisa encomendada pela CNI ao Ibope, em 2014, apontou que 79% dos brasileiros com mais de 16 anos acreditam que a EaD é uma solução para levar educação a mais pessoas.

Outra pesquisa realizada com matriculados na EaD aponta que 41% dos alunos têm entre 31 e 40 anos e 87% trabalham fora. A bem da verdade, se hoje ainda há alguma dicotomia entre educação presencial e on-line, em poucos anos serão modalidades tão simbióticas que diremos “é ensino e ponto”.

Em nossas IES, cada vez maior é o avanço célere da oferta de ensino híbrido, blended ou semipresencial – nos quais se amalgamam o presencial e o virtual sob os ditames do que melhor convém para o aprendizado.

Em recente palestra na Universidade Positivo, o Prof. Armando Valente, da Unicamp, afirma apropriadamente que o “nosso diploma, até pouco tempo atrás, era medido por horas de bunda do aluno em sala de aula”. Educação digital não é modismo na graduação: ela veio para ficar.

Jacir J. Venturi - Coordenador da Universidade Positivo, foi professor da UFPR, PUCPR e diretor de escolas